

**SANTOS**, Bruna dos\*

<https://orcid.org/0000-0001-9408-1953>

**RESUMO:** Este trabalho buscou trazer, à luz da história social e política, a trajetória do jornalista gaúcho Paulo Schilling. O excerto apresentado aqui faz parte de uma pesquisa que resultou na dissertação de Mestrado em História, na qual procuramos evidenciar a figura e o perfil do jornalista, que atuou em meados de 1950 e 1960 pela reforma agrária e pelos direitos de trabalhadores rurais. Em 1964 teve que se exilar por conta da perseguição que passou a sofrer pelo DOPS, juntamente com outros companheiros da esquerda. Sua história recebeu destaque porque atuou na luta contra a Ditadura Militar, o que lhe trouxe o ônus de voltar ao Brasil apenas na década de 1980. Seu repertório intelectual merece ser analisado, pois traz consigo inúmeras discussões sobre a sociedade brasileira e soluções para problemas relacionados à má gestão pública das políticas governamentais. Paulo Schilling é mais um brasileiro que teve sua voz silenciada pelo golpe de 1964, e por isso este trabalho vai procurar emergir a sua história.

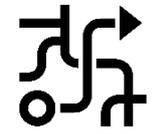
**PALAVRAS-CHAVE:** Trajetória; Ditadura Militar; Reforma Agrária.

**ABSTRACT:** This work aimed to shed light on the social and political history of the journey of the Brazilian journalist Paulo Schilling. The excerpt presented here is part of a research that resulted in a Master's thesis in History. Therefore, we sought to highlight the figure and profile of the journalist, who worked in the mid-1950s and 1960s advocating for agrarian reform and the rights of rural workers. In 1964, he had to go into exile due to the persecution he began to face from the Department of Political and Social Order (DOPS), along with other leftist comrades. His story gained prominence because he was involved in the fight against the military dictatorship, which led him to return to Brazil only in the 1980s. His intellectual repertoire deserves analysis as it encompasses numerous discussions about Brazilian society and solutions to problems related to the mismanagement of government policies. Paulo Schilling is yet another Brazilian whose voice was silenced by the 1964 coup, and therefore, this work aims to bring his story to light.

**KEYWORDS:** Trajectory; Military Dictatorship; Agrarian Reform.

---

\* Mestre em História pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). Agência Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. E-mail: bstruna@gmail.com



## INTRODUÇÃO

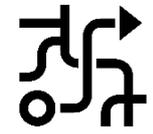
Paulo Romeu Schilling, nascido em Rio Pardo, Rio Grande do Sul, no ano de 1925, teve formação acadêmica como Técnico em Contabilidade, mas acabou entrando para o meio tritícola<sup>1</sup> quando, após ir morar em Encruzilhada do Sul com sua esposa, Ingeborg, partiu para o ramo agrícola, juntamente com seu cunhado José. Entretanto, a colheita não atingiu o resultado desejado e Paulo voltou para a cidade em seu escritório de contabilidade. Esse fato relevante foi o que o levou a se destacar na política gaúcha.

Ao longo de sua trajetória profissional, tornou-se um escritor e jornalista, exercendo nessa escrita, muitas vezes, o papel de historiador, economista e sociólogo, ou seja, um intelectual autodidata, característico de sua época. Foi também atuante e influenciador do governo do Estado do Rio Grande do Sul, Brizola, na década de 1960. Seu legado intelectual precedeu e promoveu sua ascensão a cargos públicos. Iremos nos referir a ele como jornalista, pois é assim que ele próprio se designava e iremos manter a nomenclatura. Paulo Schilling teve papel fundamental para a política agrária do Rio Grande do Sul. Mas antes de entrar para o governo de Brizola atuou como tritícola, militante e, por isso, como pesquisador e criador de significativo repertório intelectual.

Foi também apoiador das ideias do Partido Comunista do Brasil (PCB) por 10 anos, tendo se afastado quando o XX Congresso do PCUS, em um discurso secreto proferido por Krushev, denunciou os crimes stalinistas. Em fevereiro de 1956, sob a estátua de Lenin, o secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, Nikita Krushev, em discurso de cinco horas, responsabilizou o poderoso líder Josef Stalin de prática de sistema de tortura e execução de seus opositores dentro do partido. Os que haviam escapado do fuzilamento foram condenados ao trabalho forçado. Krushev teria denunciado que as confissões se deram a partir de tortura e que houve deportação de povos inteiros do território soviético. Seu discurso, chamado de “secreto” foi divulgado pela imprensa pouco depois dando início a “desestalinização” da União Soviética. O efeito não foi apenas entre os soviéticos, mas as denúncias, feitas contra a Era Stalin, atingiram mundialmente o Movimento Comunista.

---

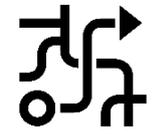
<sup>1</sup> Podemos trazer algumas hipóteses para sua entrada na triticultura: pela aproximação com pessoas da triticultura ou por ter visto na agricultura um setor em desenvolvimento que lhe traria prosperidade. O que sabemos é que sofreu prejuízo e deixou o ramo.



Destacamos que o perfil do militante de esquerda, de viés comunista na sua essência, defendia o conhecimento científico para que a realidade fosse decifrada e posta em prática. Para os jovens comunistas, o partido era vivenciado como religião, mesmo defendendo a localização das linguagens e expressões. Havia uma atmosfera mítica, socializada e nostálgica nas manifestações discursivas e nos comportamentos dos militantes comunistas. Estes, como homens modernos, apesar de defenderem ideias secularizadas e recorrerem aos argumentos fornecidos pela ciência, não deixaram de alimentar seus pensamentos com mitos, simbologias, teologias e hierofanias próprias de sociedades antigas e tradicionais (FERREIRA, 2002). Até 1956, Paulo Schilling foi esse homem de ideias marxistas, afiliado ao partido comunista, que acumulava conhecimento em suas leituras para se tornar um exemplo desse jovem militante. Jorge Ferreira (2002) traça o perfil desse homem militante: “eles eram capazes de renovar o mundo, de transformá-lo completamente. Com o coração repleto pelo sofrimento dos outros, tais homens se revelavam grandes poetas, músicos, romancistas e líderes revolucionários” (FERREIRA, 2002, p. 77).

Algumas ideias que Paulo Schilling teve pode ter sofrido influência de uma das polêmicas ações de Stalin: a coletivização da terra, dentro da primeira etapa da “segunda revolução russa”, iniciada em janeiro de 1930. A coletivização revolucionou a forma como a produção agrícola acontecia, atacando as classes ricas de camponeses. Foi feita de maneira forçada e sua resistência tratada com brutalidade. Foi um processo de expropriação de terra, abolindo a propriedade privada no campo e transformando tudo em propriedade do Estado. A revolta camponesa foi o pretexto de Stalin para “liquidar os Kulacks como classe”.

Houve industrialização acelerada, já que os planos quinquenais voltavam os esforços para a indústria pesada, matéria-prima e fontes de energia. De fato, os números do crescimento econômico foram grandiosos e essa “radical transformação da paisagem soviética permitiu que milhões de pessoas melhorassem seu nível de vida e que outros milhões mergulhassem na degradação” (FERREIRA, 2002, p. 199). No ano da ascensão de Stalin, Schilling tinha em torno de 21 anos. Era um jovem cheio de esperanças. E seu imaginário político naquele contexto trazia a ideia de que o proletariado era uma classe revolucionária. Tanto é utópico que historicamente a classe trabalhadora raramente atuou de maneira radical em sua causa.



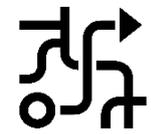
O jornalista deixou registrado muitos escritos que o historiador Diego Scherer da Silva (2020) pôde trazer para o Rio Grande do Sul e criar o Acervo em seu nome. Localizado no Núcleo de Pesquisa em História, está vinculado ao Departamento de História e ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A documentação que consta no local abrange seus pensamentos, memória e ideias, principalmente, do período em que esteve exilado e também da sua volta ao Brasil.

Quando analisamos o trabalho de Paulo Schilling, percebemos que o autor escreveu e reescreveu em períodos diferentes, e esse fato nos obriga a ter muito cuidado com a análise feita do seu material, já que é preciso levar em conta as circunstâncias e contexto em que elas foram pensadas, vivenciadas e então escritas. Antes do Golpe de 1964, temos clareza em identificar um texto cheio de esperança, com promessas de um futuro igualitário, com direitos aos trabalhadores – principalmente rurais – e um desenvolvimento econômico promissor. Após se exilar no Uruguai e Argentina, seu discurso mudou, e podemos perceber que já não há mais o tom leve de antes. Existe uma nítida preocupação com a direita estar no poder e, principalmente, rancor com seus antigos aliados e companheiros políticos.

Schilling foi um jovem de ideias revolucionárias com viés comunista que vinha se colocando aos poucos no cenário político gaúcho, primeiramente atuando junto aos tricultores, quando se tornou um agricultor, e, posteriormente, militando.

O período pós Segunda Guerra foi intenso e importante para o nascimento da esperança socialista. O Exército Vermelho foi decisivo na derrota da máquina nazista e “a URSS apresentou-se como esteio máximo de todas as causas progressistas, da independência das nações, da paz mundial” (FERREIRA, 2002, p. 200). Porém, em 1956, com o XX Congresso do PCUS revelou-se a pior face do partido e de Stalin. Atitude tão criticada por Marx, Engels e Lenin, o culto ao indivíduo era reforçado pelo ditador Stalin. Para um homem inspirado por essas ideias, como Paulo Schilling se apresentava, o discurso de Krushev deve ter sido um golpe que marcou sua vida e as futuras contribuições ao país.

Ao tratar sobre a vida de Flávia Schilling, filha de Paulo Schilling, o historiador Diego Scherer da Silva (2014) pôde conhecer mais sobre Paulo Schilling. Aliás, foi um dos motivos de seu interesse pelo acervo deixado pelo intelectual. Flávia conta que



quando tinha 8 anos de idade ouvia, principalmente de familiares, que seu pai era comunista, e que, como era pequena e não sabia o que isso significava, Paulo tratou de explicar a filha:

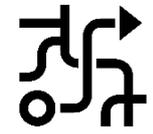
É quando as pessoas recebem da sociedade aquilo de que precisam para viver dignamente, independentemente do tipo de trabalho que fazem. Quem precisa mais, recebe mais: um operário que teve muitos filhos carecerá de mais coisas que um médico, por exemplo, que tenha só um. (SILVA, 2014, p. 26)

No mesmo ano em que ocorreram as denúncias contra os crimes stalinistas, surge o livro de Paulo Schilling *A Operação Trigo*<sup>2</sup> (1956). A publicação do livro coincide com o período de assinatura do Acordo do Trigo Norte-Americano. Por ocasião desta publicação e de sua intensa atuação na militância pelos movimentos em prol da agricultura e da triticultura, o jornalista foi convidado a integrar a assessoria de Leonel Brizola, eleito governador do Estado do Rio Grande do Sul, em 1958. Foi então que Paulo e sua família se mudaram para Porto Alegre (SILVA, 2014).

Um ano antes da publicação desse livro, Juscelino Kubitschek havia sido eleito presidente do país. Seu governo recebeu muitas críticas desde o empresariado, que aprovava suas metas de desenvolvimento, até teóricos que o chamaram de entreguista acusando-o de ser o causador do caos econômico que o Brasil enfrentaria longos anos pela frente. Paulo Schilling foi um intenso crítico de Kubitschek. Os golpes e contragolpes contra a jovem democracia, após a década de 1930, trouxeram instabilidade política e econômica para o país. Nessa época o Brasil desejava por mudanças, principalmente relacionadas à economia. JK comprou esses desejos. Almejou e realizou a capital dos sonhos. Entretanto, não impediu que nossas riquezas fossem saqueadas pelos americanos. Com os problemas que já existiam, aliados aos que vieram a surgir, criamos o cenário perfeito para a ebulição política que já demonstrava querer se manifestar. Com as falas conspiratórias que surgiram naquele contexto, a candidatura de Kubitschek e Goulart sofreu para se consolidar. Desde cartas falsas sobre seus envolvimento com contrabando de armas de guerra para o Brasil até a expressiva insinuação dos políticos de direita de que um governo militar cairia melhor para o país naquele momento.

---

<sup>2</sup> O livro foi escrito em 1956, quando foi Secretário Geral da Associação dos Agricultores de Encruzilhada do Sul. Sob o título *A Operação Trigo*, o livro trata de uma tentativa de interpretação político-econômica da triticultura nacional;

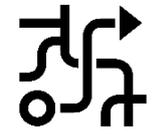


Havia no pós-guerra uma grande esperança de unir democracia e socialismo de forma harmoniosa. O marxismo era considerado pela esquerda um componente fundamental pela busca de uma nova fase livre, criativa e democrática. Porém, estava ultrapassada a sua fase ortodoxa e dogmática. Fazia-se necessário adaptá-lo a ideais mais abertos.

Por isso, torna-se importante pensarmos na composição desse repertório teórico de Schilling sob inspiração das colocações de Heloisa Murgel Starling (2018). Isto é, escreveu e produziu argumentos, conceitos, teorias, formas de linguagem capazes de ampliar o vocabulário referente aos problemas sociais e políticos que o país vinha enfrentando naqueles anos de 1950 a 1964. Nossa democracia estava passando por constantes golpes desde a Proclamação da República, atingindo diretamente a economia e as políticas públicas que beneficiassem cidadãos brasileiros. Paulo Schilling foi importante pensador e militante do período que refletiu e atuou pelo crescimento econômico e social do país e pela superação das desigualdades sociais provenientes da estratificação da terra. Teve o perfil traçado como discreto, com descrição “anonimamente”, afastado, com recato (SILVA, 2020). A historiadora Laura Vianna Vasconcelos diz que Paulo Schilling teve “grande participação nos acontecimentos políticos dos anos 1960” (VASCONCELOS, 2021, p. 9) que, segundo o jornalista, foi o período mais rico da política brasileira. Conseguimos identificar a importância de suas ideias e como se conecta ao contexto que viemos tratando.

Schilling foi atuante no MASTER, projeto que precedeu o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), na qual sua luta foi e continua sendo incansável pela reforma agrária. O MASTER nasceu enquanto esteve em exercício no cargo técnico da Secretaria da Agricultura de Encruzilhada do Sul. Sua atuação no MASTER trouxe a primeira linha de suas pautas militantes, ou seja, a questão da terra (SILVA, 2020). Também se envolveu na criação de cooperativas agrícolas, que vieram a formar a FECOTRIGO. Paulo Schilling teve papel de destaque na fundação do MASTER (1960), como Silva (2020) destaca.

O jornalista esteve diretamente ligado à tentativa de expropriação de 1800 hectares de terras no município de Faxinal (RS). Havia 300 famílias que pediram ajuda ao Prefeito de Encruzilhada do Sul, Milton Seres Rodrigues, que por sua vez, amigo de Paulo Schilling, pediu sua ajuda para interceder e reivindicar pela causa em nome

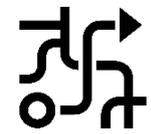


desses “sem terra”. Paulo Schilling conseguiu um acordo com o governo estadual para que “não fossem desalojadas e recebessem o título de posse para parte daquela área solicitada” (SILVA, 2020, p.45). Schilling atuou diretamente na organização dos trâmites do grupo, que viria a se consolidar como MASTER “apesar de não ocupar nenhum cargo efetivo no movimento” (SILVA, 2020, p.45). O jornalista desejava tirar do terreno exclusivamente teórico a reforma agrária, por isso o MASTER fora criado. Consistia na “formação de ‘acampamentos’ de agricultores sem terra. Os mesmos eram instalados na estrada, ao lado de grandes latifúndios” (SILVA, 2020, p.45).

Essas terras eram previamente escolhidas com base nos critérios de menor índice de aproveitamento, onde existia um problema agudo de pessoas sem terra. Naquela época não se ocupava latifúndio e utilizavam um dispositivo de lei gaúcha que permitia a expropriação de terras “não devidamente exploradas”, para que essas fossem distribuídas à agricultura sem terra (SILVA, 2020, p.46). Sabemos agora que o MASTER era um protótipo do que hoje é o MST (Movimento dos trabalhadores sem terra). Utiliza-se esse meio para passar a impressão de que o problema agrário foi resolvido. Esquecemos que centenas de famílias sobrevivem nesses acampamentos de forma precária e correndo risco de vida. Acreditamos que a reforma agrária precisa ser feita no Brasil para beneficiar o trabalhador rural e os sem terra.

Assim como escreveu Paulo Schilling leu e “fez de suas palavras, sempre escolhidas com a indignação de quem acredita estar possibilitando a construção de um país melhor, a sua militância e campanha” (SILVA, 2020, p. 17). Para tal feito, escreveu artigos, livros, manuscritos e notas que hoje nos auxiliam a enxergar o passado para que possamos analisar e ampliar a discussão política e as lacunas ainda existentes para os problemas sociais que o Brasil possui, principalmente relacionados aos problemas agrícolas. Em seu acervo podemos encontrar muitos textos em que Schilling reflete o passado fazendo novas críticas e trazendo novas abordagens para os problemas da sociedade brasileira – e latina. Heloísa Murgel Starling (2018) diz que:

Quando algo na agenda é inédito e traz a chance de produzir alguma mudança mais ou menos brusca e sem precedentes que não sabemos avaliar bem, a alternativa, recomendava Arendt, é recorrer ao passado para pensar com ele sem se resignar a certa nostalgia por outras épocas. (STARLING, 2018, p. 14)



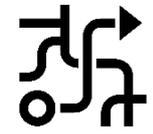
Quando nos deparamos com movimentos sociais, personagens ou acontecimentos históricos que se destacam pela reorganização das ideias, esses merecem nossa atenção. Isso ocorre porque nos ajudam a repensar as ideias e conceitos já existentes. Personagens como Paulo Schilling atualizam o repertório intelectual e não apenas formam a ordenação das ideias e vocabulários mas também ponderam como são necessárias as reformas de base e o incentivo econômico através de financiamentos que beneficiem o pequeno agricultor. Essa recombinação de teoria e prática procede da ampliação do vocabulário que esse repertório produz. Paulo Schilling foi capaz dessa façanha ao escrever sobre a reforma agrária, nacionalismo, populismo e trazer soluções que ele considerava aplicáveis aos problemas agrários, econômicos e sociais que o Brasil vinha vivenciando naquele período.

Sua visibilidade surge por causa de suas obras, aliadas à prática, já que estava engajado na causa tritícola. Para isso, precisamos dizer que sua primeira atuação política foi como Secretário Geral da Associação dos Agricultores de Encruzilhada do Sul, com destaque na organização das cooperativas da região. Assim que Brizola teve conhecimento dos seus trabalhos como militante pela causa agrícola, Schilling foi chamado a atuar no governo do estado, e no início de 1960, o jornalista estava morando em Porto Alegre, junto com sua família e assessorando o setor agrário do governo gaúcho.

Schilling procurava dialogar com o cenário político-econômico do período. Silva considera que sua preocupação não era apenas local, apesar de sua inspiração ser os problemas agrícolas que os tricultores da região sul vinham enfrentando desde a assinatura do Acordo do Trigo Americano e conclui: “sua conexão com o cenário nacional [...] me autorizam a evidenciar traços de uma identidade que se consolidará em sua trajetória: a de militante político” (SILVA, 2020, p. 42). Acrescenta:

A proximidade de Paulo com Brizola seria intensa e ambos permaneciam juntos até o episódio da Guerrilha de Caparaó, momento em que se inicia a ruptura entre eles e que viria a ter o elo partido definitivamente no início dos anos 1970. (SILVA, 2020, p. 42)

No começo dos anos 1960, quando iniciou o seu trabalho na gestão do governo Leonel Brizola, Schilling se envolveu na criação da Comissão Estadual de Terras e Habitação<sup>8</sup> e conseqüentemente na fundação do Instituto Gaúcho de

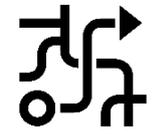


Reforma Agrária (IGRA). Suas obras deixam claro sua luta pela triticultura. Seus livros, artigos de jornais e manifestações na Assembleia Legislativa gaúcha mostram sua grande angústia em relação ao desenvolvimento da agricultura. Estava sempre preocupado com melhores condições de trabalho dos homens do campo e com o número alto de trabalhadores sem terras que existiam no país naquele período (e ainda existem). O trigo, o meio fundiário e melhores condições de trabalho eram seus temas principais. Todo o restante era um complemento do seu discurso, que somava e contribuía para pensar o país de meados do século XX.

Paulo Schilling foi um escritor que marcou a política gaúcha. Como já dissemos: escreveu livros, artigos e até discursos políticos. Mas antes de ser um autor/escritor, Schilling foi um leitor. É essencial examinarmos quem ele leu e aqueles que ele mais citou como referência. Principalmente porque quem lê tem importante papel dentro do ciclo de produção e escritura de um livro. Devemos compreender que o autor não é, sozinho, o início e nem o fim desse ciclo. A escrita tem inspiradores e há questões reflexivas que decorrem das leituras, explicitando pensamentos que algumas vezes estão articuladas por diálogos com outros escritores. Não é tarefa simples ou fácil dar conta das apropriações, e mais que isso, nos perguntar: quem lê, lê em que contexto e com qual propósito?

Chartier explicou que o leitor se apropria do que lê. Ele usa o texto como bem lhe cabe. Não podemos afirmar que o leitor lê com a mesma subjetividade do autor do texto, já que a liberdade leitora não é absoluta. As rupturas que o tempo causa, derivadas das limitações dessa capacidade, convenções e hábitos vindos das práticas da leitura, “colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escritura e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão” (CHARTIER, 2007, p.77). A liberdade de interpretar cabe a todos os leitores, ampliando a pluralidade de significados e interpretações possíveis de um mesmo texto.

Sabemos que Paulo Schilling foi um leitor com gostos variados: lendo tanto os autores mais remotos quanto os contemporâneos a ele. O jornalista Paulo Schilling foi um marxista assumido, escrevia como tal. Não era historiador por formação, mas aplicou métodos dignos das ciências humanas, capaz de trazer em suas obras e textos a maior verificabilidade que um historiador almeja alcançar. Seus estudos e reflexões foram adquiridos através dessas leituras.



Quem lê vai construindo sua própria bagagem intelectual e discurso. O ato de ler – livros, textos, documentos, artigos, jornais, manuscritos, cartas - vem acompanhada de memória intelectual. Paulo Schilling autor é uma consequência de Paulo Schilling leitor. Ele escreve sob a influência de sua bagagem intelectual para poder suprir os anseios que lhe são pertinentes.

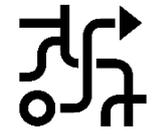
Anteriormente nos referimos a Paulo Schilling como um autodidata. Rousseau pode ter influenciado o jornalista, já que Paulo Schilling leu o escritor francês. Isso porque Rousseau considera ser um autodidata aquele que tem familiaridade com o mundo do livro – o que já confirmamos ser o caso de Schilling – e da cultura escrita. Quando Rousseau escreveu, seu contexto cultural era outro. Naquele período do século XVIII, a educação familiar tinha um peso grande e a aprendizagem acontecia em quase sua totalidade de forma extraescolar. Chartier vai dizer que:

Há outro modelo de outro didatismo: aquele da conquista da cultura escrita a partir do analfabetismo e do iletrismo ... Portanto temos, de um lado, os ensinamentos da escola e, de outro, todas as aprendizagens fora da escola, seja a partir de uma cultura escrita já dominada pelo grupo social, seja por uma conquista individual, que é sempre vivida como um distanciamento frente ao meio familiar e social e ao mesmo tempo, como uma entrada em um mundo diferente. (CHARTIER, 2009, p. 105)

Importante destacar esse apelo que Rousseau traz, mesmo Paulo Schilling tendo vivido 200 anos depois do francês. Era outro contexto e mesmo assim parece ter influenciado grandemente o jornalista. Como noutro trecho de seu livro de 1963 *O que é Reforma Agrária*, em que cita Rousseau:

Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não teria poupado ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou tampando os buracos, tivesse gritado aos seus semelhantes: “Livrai-vos de escutar esse impostor, estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e a terra de ninguém”. (SCHILLING, 1963, p. 14)

Por aqui nos deteremos apenas a lembrar que existiu o Paulo Schilling leitor de obras tanto da antiguidade como contemporâneas, que enriqueciam seu repertório. Ler mobiliza muitas habilidades e mexe com a subjetividade. Compete ao leitor examinar, refletir, interpretar, imaginar e, principalmente, criticar. Paulo Schilling, antes de ser um autor, escritor, político, economista e intelectual influenciador, foi um leitor. Leu e apropriou-se. E sua escrita vai ter as marcas de sua apropriação.



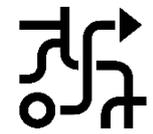
Paulo Schilling não viveu só de Marx e Rousseau. Nos seus livros, somos capazes de observar citações de Johann Wolfgang von Goethe. Ora, vemos tamanha erudição de Schilling, que foi buscar na literatura alemã do Classicismo referencial teórico para seu repertório. Goethe foi um filósofo, que viveu entre os séculos XVII e XVIII e teve suas ideias largamente difundidas. Frases como “Dize-me com quem andas e te direi quem és” e “saiba eu com que te ocupas e saberei também no que te poderás tornar” vieram dele. Em seu livro *O que é reforma agrária*, de 1963, Schilling citou o texto de Goethe:

O mestre-escola: - Dize-me, pois de onde veio a fortuna do teu pai?  
O menino: - De meu avô.  
O mestre: - e a deste?  
O menino: - de meu bisavô.  
O mestre: - E a deste último?  
O menino: - Ele roubou. (SHILLING, 1963, p. 13-14)

Para Schilling, o excesso de terras nas mãos de poucos tinha uma causa: o roubo, assim como Goethe foi capaz de expressar em seus poemas. É sempre importante lembrar que o latifúndio rio grandense nasceu e ganhou força através de métodos como a grilagem. Paulo Schilling, sabendo disso, tratou a ideia como um bom argumento para invalidar a legitimidade do latifúndio, principalmente aqui no Brasil. Isso vem a agregar ao fato de que no início havia um sentimento de esperança através da via socialista. Muitos militantes brasileiros achavam ser um pensamento comum entre as esquerdas em geral, no mundo. Apesar de uma aparente união, havia muita divergência de ideologias entre os grupos mais radicais e os mais brandos. Nasceu, a partir desse sentimento, o socialismo brasileiro, que, para Hecker, seria a soma entre liberalismo e nacionalismo.

Mudar o Brasil pela via da democracia, rompendo o atraso sem violência, optando pela reforma. Promover o interesse coletivo em associação com o capital nacional. Eis aí a metodologia socialista nascida do momento diferente e criativo da luta pela conquista de direitos sociais para mais amplas faixas das populações, constituindo pelo fim da Segunda Grande Guerra. (HECKER, 2007, p. 48)

Além de sua bagagem teórica, Schilling teve influência dos políticos do seu tempo. Durante o exílio, o jornalista teceu ferrenhas críticas aos mesmos políticos que outrora admirou, como Getúlio Vargas, João Goulart e até Leonel Brizola. Talvez isso se deva à grande admiração e posterior decepção que sofrera ao ficar tantos anos

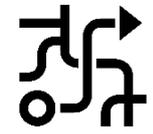


longe do Brasil. Nunca se cansou de lutar por seu país contra a Ditadura Militar, tornando isso explícito através de muitos manuscritos seus, existentes no seu arquivo.

Schilling manteve sua mente ativa durante toda a vida. Não é à toa que quando entrou para o governo de Brizola já tinha seu repertório intelectual bem construído, estando apto a opinar no tema que lhe era tão caro: a agricultura gaúcha. Como mencionamos anteriormente, por seu fervor e manifestação pública sobre os assuntos, que eram de interesse do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola convidou Paulo Schilling para participar de sua assessoria no setor agrário do Rio Grande do Sul quando foi governador do estado. Já em 1962, também a pedido de Brizola, após a Campanha da Legalidade, transferiu-se para Brasília e depois para o Rio de Janeiro para trabalhar como delegado.

Esse termo se refere ao projeto das “leis delegadas” e fazia parte da Frente de Libertação Nacional, que precedeu a Frente de Mobilização Popular – no ano de 1963. A FLN “tinha por objetivo acelerar a tramitação no Congresso das Reformas de Base” (SILVA, 2020, p. 50-51). Já a FMP, que Ruy Mauro Marini (FERREIRA, 2007) caracterizou como um “parlamento das esquerdas”, era formado por um grupo de 11 integrantes, o chamado Grupo dos Onze, que representavam os diversos grupos políticos, que promoveu um fórum de debates, articulações e politizações, as quais cabiam a Leonel Brizola a deliberação sobre elas. Com Schilling, ficaram os projetos relativos à política agrária, e ele comenta que “a proposta de Reforma Agrária redigida pela Superintendência da Reforma Agrária (SUPRA)” teve a influência dele e “incorporava as ‘grandes REINVIDICAÇÕES dos camponeses’.

A experiência agrícola gaúcha estava sendo levada para o nível federal, e seria Paulo Schilling um dos responsáveis. Esteve ligado a FMP (Frente de Mobilização Popular) e a Frente de Libertação Nacional (FLN), como secretário-executivo. Tratavam-se de agrupamentos de esquerda que tinham representantes intelectuais, operários, estudantes, militantes, políticos e camponeses. Paulo Schilling também atuou no Ministério de Francisco Brochado da Rocha, elaborando os projetos de lei que acelerariam as “reformas de base” no congresso (SILVA, 2020). Schilling, em rascunho do que provavelmente seria posteriormente o livro *Como se coloca a direita no poder*, descreve como teria sido o golpe da esquerda se Brochado da Rocha tivesse discursado pelas reformas de base em 1962. Pareceu ser um ato direto de interferência que resultaria na tomada de poder do Estado pela esquerda mais radical.



Quando houve o golpe civil-militar de 1964, no Brasil, homens e mulheres que viviam no país e alimentavam uma ideologia oposta à da direita conservadora tiveram suas vidas ceifadas. Não só fisicamente, mas também houve os que foram arrancados de suas casas e de suas famílias. Alguns deles foram intelectuais de esquerda que pensavam em um país mais justo para os menos favorecidos, com políticas públicas, à época, que trariam qualidade de vida aos trabalhadores brasileiros. Paulo Schilling e alguns de seus companheiros de jornada, como Leonel Brizola, inicialmente resistiram aos acontecimentos do 31 de março daquele ano, pois acreditavam ser algo que se resolveria logo. Percebendo que sofriam perseguição – sem saber o que isso poderia acarretar a vida deles e de suas famílias –, a clandestinidade foi a solução. O jornalista fala em seus documentos que “recebeu ordens de se asilar na embaixada do Uruguai”<sup>3</sup> (SILVA, 2020, p. 56), logo em abril, após o golpe, e ali se integrou ao Movimento Nacionalista Revolucionário.

Sua filha Flávia explicou, em entrevista a Diego Scherer da Silva:

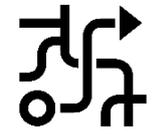
A gente tinha uma biblioteca imensa em casa. E uma das coisas que eles (agentes do DOPS) fazem, para não sair todos de mãos abanando, é levar a metade da nossa biblioteca. Porque na época, enfim, os russos, não é? Então eles levam o livro “Vermelho Negro”<sup>4</sup>, “Guerra e paz” do Tolstoi, “Crime e Castigo” do Dostoievski. Enfim, eles levam livros, muitos livros, dão uma olhada na casa, enfim se retiram, “não há nada para levar a mais na casa. (SILVA, 2014, p. 37-38)

Apesar desse relato, na documentação do DOPS está registrado que foi apreendido material subversivo, relacionado ao Grupo dos Onze. As controvérsias nos parecem normais, já que a filha de Schilling, na época, tinha apenas 11 anos de idade. É provável que existissem materiais relativos à sua militância no Grupo dos Onze, até porque ele estava diretamente envolvido. Mas para nós, é importante ressaltar o detalhe que Flávia nos descreve: “a gente tinha uma biblioteca imensa”, o que nos permite concluir que Paulo Schilling foi um leitor de muitos teóricos, filósofos, sociólogos e pensadores que fizeram com que se tornasse o intelectual (autodidata), que era.

Posteriormente veio a se exilar no Uruguai, de fato, junto com sua família. Porém, mesmo exilado, nunca deixou de questionar a situação e pensar o Brasil.

<sup>3</sup> Diego Scherer da Silva (2020) não cita quem deu a ordem. Nesse caso poderíamos supor que tenha sido seus próprios companheiros da Frente de Mobilização Popular ou os companheiros de partido.

<sup>4</sup> Acreditamos aqui se tratar do livro Vermelho e o Negro, de Stendhal, de 1830.



Infelizmente Paulo Schilling só conseguiu voltar ao Brasil em 1980. No período em que esteve no Uruguai, segundo Silva:

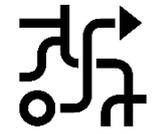
Dirigiu três editoras, foi redator internacional do semanário *Marcha*, escreveu para Agência InterPress Service e, durante cerca de dez anos, colaborou efetivamente com a agência cubana de notícias *Prensa Latina*. (SILVA, 2020, p. 19).

Foi nesse período que Paulo se autodenominou jornalista. A situação financeira da família não era boa e precisou contornar os problemas econômicos com suas atividades como jornalista. Após a Guerrilha de Caparaó, suas atividades nos jornais tornaram-se mais importantes e ganharam mais destaque nas atividades de Schilling. Mesmo exilado, Schilling colaborou com praticamente todos os movimentos contra a ditadura que surgiram naqueles anos, porém sem integrar organicamente nenhum deles (SILVA, 2020).

Especula-se que essa Guerrilha seria o primeiro passo dado contra a Ditadura Militar brasileira, e aconteceu entre 1966-67. Pequenos grupos de exilados fizeram articulações - incluindo Brizola, que resistiu inicialmente - para tomar Porto Alegre através de um levante, com o objetivo de chegar até a capital. Foram divididas armas e fardas. Intencionavam tomar quartéis e regimentos. Após tentativas frustradas, Leonel Brizola decidiu apoiar a guerrilha.

Seriam três focos: Um na Serra do Caparaó, outro no norte do Mato Grosso e o terceiro no Brasil Central. "Brizola obteve o apoio do governo de Cuba, sob a presidência de Fidel Alejandro Castro Ruz, e tal apoio aconteceu em forma de treinamento guerrilheiro e de remessa de dinheiro" (ALMEIDA, 2014, p. 127). O objetivo da Guerrilha do Caparaó era atrair a atenção do governo brasileiro. Porém, o treinamento que tiveram era fraco. Além disso o lugar escolhido era montanhoso, o que fazia com que os dias de treinamento e reconhecimento do terreno se tornassem exaustivos, debilitando e tornando melancólico o grupo que montara a guerrilha naquela localidade. Era o fracasso da Guerrilha do Caparaó, terminando em muitas prisões.

Uma das descobertas inusitadas desta pesquisa é que Paulo Schilling, tido como discreto e reservado, teria atuado na luta armada pela liberdade do Brasil das mãos dos militares. Por conta de sua liderança e importância na organização da guerrilha, Schilling foi levado à China em 1965. Foi em busca de financiamento e armas – assim como Brizola fez em Cuba -, para dar segmento aos planos de retomar

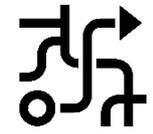


o Brasil. O jornalista desejava se juntar a Che Guevara, na Bolívia. Suas filhas contam que era possível notar a presença de armas dentro de casa. Silva escreve que “a sua militância toma forma, ativo e engajado Paulo acreditava na luta armada como meio de transformação da realidade brasileira e nela colocou sua ficha” (2020, p. 71). Esse ponto de sua trajetória nos faz refletir ainda mais sobre o homem Paulo Romeu Schilling: escritor, pensador, engajado, militante, intelectual e guerrilheiro. Não poupou nem sua família, que os seguia aonde quer que fosse. Tinha o desejo de políticas públicas que se aplicassem na prática e foi incansável na construção de um repertório intelectual praticável. Para pensarmos sobre suas leituras, cabe ter presente as colocações de Roger Chartier:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. (CHARTIER, 2009, p. 77)

Com o golpe ocorrido no Uruguai em 1973, Schilling foi expulso do país. Partiu para a Argentina onde também vivenciou outro golpe militar. Foi então que voltou ao Brasil, em 1980, depois de mais de 15 anos vivendo exilado entre Uruguai e Argentina. Passou a viver em São Paulo com sua família. Aqui, ingressou como fundador do Partido dos Trabalhadores e assessorou a Central Única dos Trabalhadores (CUT). Ajudou a fundar e integrou a Comissão Administrativa do “Instituto Cajamar”. Integrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) até a sua aposentadoria (SILVA, 2020).

O INCA foi criado na década de 1980 pela CUT em parceria com entidades internacionais e foi o grande centro de formação e capacitação política das principais lideranças sindicais, partidárias e de movimentos sociais da esquerda brasileira. Os dirigentes também foram unânimes em ressaltar o viés ideológico. Após seu fim, em 1994, ex-funcionários e fundaram a Cooperinca (Cooperativa dos Trabalhadores do Instituto Cajamar) e, inicialmente, integravam a cooperativa 23 pessoas. O Instituto teve como primeiro coordenador político o pedagogo e educador popular, Paulo Freire. Foi neste espaço que surgiu a Escola Sindical da CUT (PEDREIRA, 2014).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

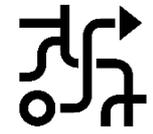
Com o que estudamos até aqui é possível criar o perfil do indivíduo Paulo Schilling, como um jovem promissor em suas ideias. Jornalista, economista autodidata e intelectual que ousou em suas ideias para influenciar políticos como Leonel Brizola e Francisco Brochado da Rocha. Suas reflexões teóricas deram frutos, mas ter ficado apenas no campo das ideias também custou um alto preço para si e para o Brasil. Paulo Schilling foi importante personalidade da História do Rio Grande do Sul, que chegou mais longe do que as fronteiras gaúchas. Por isso, precisamos conhecer seus escritos à luz da História, já que a ditadura civil-militar brasileira fez questão de silenciá-los.

Como já comentamos, o leitor se apropria do que lê e usa o texto como bem lhe cabe. A subjetividade, tanto de quem lê como de quem escreve importam muito quando se trata de analisar esses escritos. Livros sempre foram armas – de doutrinação ou do conhecimento. Fato é que os escritos - sejam livros, jornais, documentos, cartas, músicas ou poesia - têm grande poder em uma sociedade. Essa função dada às escrituras não vem de hoje. Chartier diz que:

Dos autos-de-fé da inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão de distribuição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros, e com frequência, seus autores, pensavam erradicar pra sempre suas ideias. (CHARTIER, 2009, p. 23).

Paulo Schilling foi um desses homens que pensaram o Brasil. Ao estudar pensadores como Rousseau, por exemplo, trouxe para suas ideias as questões humanísticas. Um olhar mais apurado sobre a ideia de divisão e distribuição em benefício de todos possivelmente foi uma das influências para escrever sobre as questões agrárias. Para Jean Jacques Rousseau, os homens seriam de natureza boa e é a sociedade que lhes corrompe. De diálogo iluminista, a propriedade privada, para ele, era a mãe de todas as misérias. Chamado de verdadeiro fundador da sociedade civil, diz que o homem não volta a sua origem natural depois que é corrompido por um sistema político que cria diferenças entre eles.

Paulo Schilling concorda com Rousseau de que a propriedade privada é um dos grandes males causadores das desigualdades humanas. Sabemos de antemão que Adam Smith teoriza o conceito e diz que o governo civil garante a propriedade dos ricos contra os pobres, pois os movimentos e os interesses da sociedade

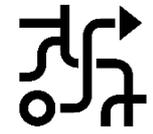


dependem dos capitalistas, e que esses desejos diferem dos interesses públicos. Para Adam Smith, a propriedade privada estava ligada à questão social e à ideia da divisão do trabalho, valor, lucro e mercadoria. No âmbito agrário, a terra se tornou objeto de desejo capitalista, pois é vista como possibilidade de obtenção de lucros, status e renda. Porém, apenas para proprietários que exploram a mão de obra do trabalhador rural. Paulo Schilling, ao tecer críticas ao sistema, levou em consideração tais desigualdades sociais e a possibilidade de torná-las um fardo do passado, almejando um futuro de desenvolvimento econômico, mas principalmente, social.

Paulo Schilling esteve presente nos muitos momentos em que Leonel Brizola discutiu as reformas de base, e trabalharam fortemente para que o Professor Brochado, quando Primeiro-Ministro do Brasil, em 1962, tomasse o congresso como que prevendo o Golpe de 1964, fazendo as tão desejadas reformas de base que eram necessárias ao país. Foi nesse período que Paulo Schilling influenciou abertamente para que o Professor Brochado tomasse o congresso. Na ocasião, o ministro voltou atrás e renunciou.

Paulo Schilling, além de fazer críticas ao sistema econômico e político do Brasil, foi um estudioso da História, principalmente do Rio Grande do Sul. Conhecia tanto a biografia de seus admirados políticos quanto as suas ideias. Entre eles, Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel Brizola. Para tanto, estudou juristas, escritores e intelectuais que julgou importantes para si. Encontramos citações em seus livros e artigos de autores como Darci Azambuja, Florescência de Abreu, Padre Luiz Gonzaga Jaeger, J. Fernando Carneiro, Padre Hernandez, Limeira Tejo, Oliveira Vianna, Gen. João Borges Fortes, Oswaldo Aranha, entre outros.

Essa é uma breve síntese sobre Paulo Schilling. Acreditamos que seu repertório tão rico permitiu que tivesse maior clareza dos acontecimentos do período em que viveu. Além disso, destacamos o silêncio que a ditadura civil-militar impôs a homens como Schilling e acreditamos que por isso elas nunca passaram do campo das ideias. Colocá-las em prática, hoje, sairia da realidade que temos, mas ao olhar para trás e refletirmos sobre elas, podemos fazer críticas que nos ajudariam a criar ideias praticáveis na sociedade brasileira do século XXI.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dinoráh Lopes Rubim. *A guerrilha esquecida: memórias do Caparaó (1966-67), o primeiro foco guerrilheiro contra a ditadura militar no Brasil*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2014.

BENETTI, Maria Domingos. *Origem e formação do cooperativismo no Rio Grande do Sul: uma análise do desenvolvimento da COTRIJUI, COTRISA e FECOTRIGO - 1957/1980*. 3ª ed. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1992.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 2009.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930 – 1956)*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2002.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Arão (Orgs). *Nacionalismo e reformismo radical (1945 - 1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GOMES, Angela de Castro. *Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965): getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Arão (Orgs). *Nacionalismo e reformismo radical (1945 -1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HECKER, Alexandre. *Propostas de esquerda para um novo Brasil: o ideário socialista do pós-guerra*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Arão (Orgs). *Nacionalismo e reformismo radical (1945 -1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SAVIANI FILHO, Hermógenes. *A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade*. *Revista Economia e Sociedade*. Campinas, v. 22, n. 3 (49), p. 855-860.. Dez. 2013.

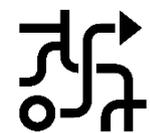
SCHILLING, Paulo R. *A Operação Trigo*. Rio Pardo: Associação dos Agricultores de Encruzilhada do Sul, 1956.

\_\_\_\_\_. *O que é Reforma Agrária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1963.

SILVA, Diego Scherer da. *Até que um dia, de repente, tudo passa a ser contado no passado: os projetos, as memórias e os campos de possibilidades na formação do indivíduo Flávia Schilling (Brasil - Uruguai, 1964-1980)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014, p. 150 .

\_\_\_\_\_. *A trajetória militante de Paulo Schilling e a formação do seu Arquivo Pessoal (1956-2012)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020, p. 251.

SILVA, Helio. *Desenvolvimentismo e democracia: 1956 - 1960*. São Paulo: Três, 1975.



STARLING, Heloisa Murgel. *Ser republicano no Brasil colônia: a história de uma tradição esquecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Recebido em 18/09/2023

Aprovado em 17/11/2023